

## Cem Dias sem Bush: o Partido Republicano, o Governo Obama e o Futuro

### *A Hundred Days Without Bush: the Republican Party, the Obama Government and the Future*

CRISTINA SOREANU PECEQUILO\*

Meridiano 47 n. 106, mai. 2009 [p. 11 a 14]

Assim como marca os primeiros cem dias do governo Obama, a quarta feira 29 de Abril de 2009, representa a ausência neoconservadora em Washington e a reestruturação do partido republicano no quadro político norte-americano. Embora todas as atenções estejam voltadas para Barack Obama e os democratas (com o gabinete, finalmente se completando depois das controversas indicações de Secretários desde Janeiro), é preciso compreender a dinâmica presente da oposição nos Estados Unidos (EUA) e suas movimentações à frente do governo em andamento, suas disputas internas e perspectivas.

Em relação à participação republicana no governo Obama e sua interação com a presidência e a maioria democrata no Congresso, elementos de continuidade e conflito podem ser percebidos. A percepção da continuidade resulta da presença de Robert Gates no Departamento de Defesa e do suporte de tradicionais personagens do partido como Brezinski e Collin Powell. Existe, ainda, como comprovada pela elevada popularidade de Obama mesmo após 100 dias de governo, uma aceitação do eleitorado não-democrata a atual administração, uma vez que os 60% de apoio da opinião pública ultrapassam a votação original do então candidato em Novembro.

Em fato preocupante não só para republicanos, mas principalmente para democratas, os índices de aprovação do Congresso controlado em sua Câmara e Senado pelo partido do presidente, giram em torno de 30%. Não somente este número coloca em xeque

ambas as linhas, como revela que a sociedade norte-americana transferiu, como já se percebia durante a campanha, suas expectativas e pressões diretamente à Casa Branca. Ao Congresso atribui-se menor confiança e credibilidade para ser o *locus* do debate e solução dos problemas nacionais, com as duas casas sendo percebidas, na maioria das vezes, como empecilhos aos planos de recuperação propostos por Obama.

A partir destas dinâmicas chegam-se aos elementos de conflito que permanecem entre democratas e republicanos, e que se revelam nas dinâmicas de votação legislativas desde a posse em Janeiro. Na Câmara, tanto o primeiro projeto de incentivo à economia quanto o recente orçamento de U\$ 3,4 trilhões, foram aprovados sem qualquer voto republicano. As razões apontadas para isso da parte dos republicanos, em particular este último pacote aprovado na mesma semana dos 100 dias, referem-se à ausência de controle fiscal sobre o déficit que programas de tal porte geram, assim como o temor de que os investimentos previstos nas áreas de saúde, educação e energia, tornem o Estado norte-americano interventor da economia, levando a posturas invasivas nas vidas dos cidadãos, aumento de impostos e regulações excessivas. Dentre estes temas, além da recuperação econômica, Obama deu destaque à reforma do sistema de saúde, um dos pilares de sua campanha, mas proporcionalmente, um dos mais sensíveis a serem negociados, e/ou ter projetos avançados, em 2009, tanto com republicanos quanto democratas.

\* Professora de Relações Internacionais da Universidade Estadual Paulista – UNESP (Campus Marília), e Pesquisadora Associada ao Núcleo de Estratégia e Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (crispece@gmail.com).

O que se observa é a reedição do debate tradicional *big government* e *small government* (grande e pequeno governo), respectivamente as visões democrata e republicana do papel do Estado. Em alguns círculos conservadores o termo grande governo foi substituído pela premissa da “socialização”, identificando os democratas como liberais de esquerda, enquanto os liberais defendem, em bases keynesianas, o ressurgimento do bem-estar social e de um capitalismo de Estado. Parte dos democratas também não aprova estas perspectivas, considerando-as exageradas, existindo deserções periodicamente de votantes na Câmara, enquanto no Senado a unidade tem sido mantida com maior facilidade, mesmo sem eliminar deserções

A dinâmica no Senado revela outra linha de conflito importante que remete às disputas intra-republicanas na definição do futuro do partido. Tais disputas opõem os chamados republicanos moderados e independentes aos neoconservadores, ou como preferem atualmente, conservadores, visando se distanciar da imagem neocon associada à presidência W. Bush e seus assessores, sem perder o contato com suas bases religiosas e intelectuais. Desde esta administração, inclusive, estes grupos têm se chocado para deter o controle da hegemonia interna do partido, e o não predomínio de qualquer uma das forças resultou no perfil da chapa na eleição presidencial de 2008 e nas primárias antes disso.

Candidatos republicanos moderados como Rudy Giuliani que tinham posturas pró-aborto e minorias, a favor do controle de armas, rapidamente perderam espaço na corrida presidencial para figuras como as de Mike Huckabee, ligado às bases religiosas. Mesmo Mitt Romney, também pré-candidato, mais associado do que Giuliani aos conservadores, foi descartado por ser “muito liberal” em temas relativos aos direitos de casais homossexuais quando governador. Tanto Romney quanto Giuliani chegaram a ser superados pro Huckabee nas primárias dos Estados do Sul (a “América Vermelha” mais religiosa, conservadora e de menor poder aquisitivo), assim como John McCain que, apesar do perfil independente, conseguiu a indicação. Todavia, este mesmo McCain, colocado à frente de uma eleição considerada perdida pelo

partido, aproximou-se desta base mais polarizada à direita ao nomear Sarah Palin com sua vice.

Atualmente Huckabee, Palin e antigos nomes da primeira onda da revolução neoconservadora do Contrato com a América como Newt Gingrich (que permitiu em 1994 aos republicanos retomar o controle do Legislativo que há décadas pertencia aos democratas), confrontam-se para definir quem será “o novo nome” mais conservador do partido. Antigos assessores e membros do governo Bush como Karl Rove, Condoleezza Rice, Paul Wolfowitz, Donald Rumsfeld, igualmente compõem esta voz contrária à mudança mais ao centro, expressando sua insatisfação com o que consideram a “fraqueza” do governo Obama. Wolfowitz, em artigo recente ao *The Washington Post*, critica abertamente Obama pelo que considera como “pedidos de desculpa” à comunidade internacional, enquanto os interesses dos EUA ficam em segundo plano. *Think tanks*, grupos de interesse e parte da mídia neocon como *Fox News*, dentre outros, acompanham estas críticas entre e intra partidárias. Outros jogos internos também apresentam choques e tentativas de unidade entre Romney, Jeb Bush e Eric Cantor, líder da minoria na Câmara. Por enquanto, observando estas interações, parecem não surgir nomes suficientemente fortes para unificar o partido e oferecer uma nova agenda de consenso entre suas forças moderadas e conservadoras.

Esta dinâmica repete-se em nível municipal, estadual e federal, quando candidatos republicanos moderados devem enfrentar primárias internas com republicanos mais conservadores, antes mesmo de chegar ao pleito com os democratas. Estas primárias têm levado a um desgaste financeiro e moral do partido, aprofundando suas fragmentações e deserções da parte dos moderados que, na maioria das vezes tem perdido estes confrontos para os conservadores que, posteriormente, são facilmente derrotados pelos democratas.

Segundo o analista David Frum, conhecido por seus trabalhos sobre o partido republicano, este é um movimento que anula qualquer possível força republicana moderada e de consenso, a partir da pressão pela unanimidade e pela perseguição da “pureza ideológica” (anti-aborto, pró-arma, pequeno

governo, contrário à ampliação dos direitos de minorias raciais, de gênero, étnicas, pró-religião). Ao se eliminar as diferenças e debates internos necessários à renovação do partido e da agenda em nome de um suposto conservadorismo mais fiel às origens, os republicanos ignoram as transformações norte-americanas e correm o risco de se tornar não um partido de massa ou oposição viável, mas sim um pólo radical na discussão de temas sociais e econômicos, dominado por facções minoritárias.

O exemplo mais patente desta implosão interna deu-se no mesmo Senado que poderia funcionar como voz de uma oposição equilibrada e contrapeso ao domínio democrata nas duas casas do Legislativo: na mesma semana que Barack Obama completou cem dias no poder, o Senador Alan Specter da Pensilvânia, auto-definido como um republicano moderado, e com votações com perfil mais de centro, oficializou a sua mudança para o Partido Democrata. Alegando se sentir pressionado para votar de forma ideológica anti-Obama e pró-direita, Specter advoga, com a mudança, preservar sua independência como moderado de centro, o que considera lhe será garantido pelos democratas.

Contudo, na prática, a ação de Specter, dependendo do resultado da eleição para o Senado em Minnesota, terá o efeito oposto: caso se confirme a vitória do democrata Al Franken, ex-comediante, sobre o rival republicano Norm Coleman, os democratas chegariam a 60 cadeiras no Senado o que lhes garante aprovação imediata de qualquer medida sem possibilidade de ação ou bloqueio republicano caso mantenham sua frente unida (*fillibuster proof majority*). Embora Coleman tenha indicado seu desejo de contestar a mais recente decisão da Corte de Minnesota que garantiu a vitória a Franken neste mês de Abril, muitos analistas consideram poucas as chances de reversão.

Refletindo a continuidade da polarização e bipartidarismo na política dos EUA, o movimento de Specter é contrário ao do Senador Jim Jefford em 2000 quando abandonou o partido republicano para se tornar independente, com o Senado dividido em 50-50 cadeiras. Em situações como esta, o voto de Minerva é do Vice-Presidente, o que daria a

Bush filho naquele momento controle do Senado. Jeffries apresentou sua decisão como uma tentativa de restaurar o equilíbrio, argumento similar ao de Specter, só que em circunstâncias e números bastante diferentes. Assim, o governo Obama não somente conta com apoio da população, como pode ser favorecido por mecanismos internos do Legislativo, no processo de referendar sua agenda dada a decisão de Specter. Além disso, ainda na semana dos primeiros cem dias, David H. Souter, juiz da linha liberal na Suprema Corte anunciou sua aposentadoria, o que dá ao presidente a possibilidade de indicar um juiz de mesmo perfil a esta Corte.

Isto permitiria a Obama imprimir a marca da nova geração democrata neste elevado nível de poder do sistema norte-americano. Esta situação de imediato provocou reações republicanas contra uma possível “radicalização liberal” democrata na indicação para o cargo, tendo em vista que outros juízes tanto liberais quanto moderados anunciaram sua intenção de seguir Souter no curto e médio prazo, o que afetaria o equilíbrio vigente (com implicações diretas na legislação do país e nos clássicos contenciosos entre conservadores e liberais no que se refere a aborto, direitos sociais e civis, ensino religioso e ensino científico, como Creacionismo X Darwinismo, e, por exemplo, novos temas como pesquisas com células tronco). Deve-se ressaltar que o mesmo temor era expresso pelos democratas no sentido de que W. Bush poderia ter levado à Corte um pendor conservador com suas indicações que, contudo, foram restritas devido à permanência dos liberais em seus cargos naquele momento.

Como se pode perceber, apesar de toda a promessa de reconciliação, a unidade e o consenso bipartidário, mantém-se como uma realidade em construção lenta nos EUA. Se os democratas hoje parecem unidos, rachas entre liberais e o centro (clintonistas) permanecem latentes como comprovam votos contrários no Senado a Obama. Do lado republicano, o futuro do partido encontra-se em uma encruzilhada entre seus moderados, tanto os que apoiam os democratas quanto os que não apoiam, mas desejam oferecer uma perspectiva de centro, e seus radicais conservadores, o que tem dificultado não só a união

partidária, como a nacional, e mesmo uma oposição que gere debate e ofereça contrapesos. Ao longo da história, é preciso não esquecer que desde a Guerra de Independência no século XVIII, até a Guerra da Secessão no seguinte, passando pela Grande Depressão, a Guerra do Vietnã, e os mais recentes governos de Reagan a Bush filho no XX, os momentos de maior crise norte-americana estiveram tradicionalmente ligados à cisão entre suas forças sociais e, neste início de século XXI, o ciclo, ainda, parece se repetir.

Recebido em 03 de maio de 2009  
Aprovado em 05 de maio de 2009

**Resumo:** O artigo examina a presente situação do partido republicano nos cem primeiros dias do governo Obama e suas perspectivas.

**Abstract:** The article examines the present situation of the republican during the first hundred days of the Obama government and its prospects

**Palavras-chave:** Partido Republicano; EUA; Barack Obama

**Key words:** Republican Party; USA; Barack Obama

